
**A CONSTITUIÇÃO DO CORVO EM
THE RAVEN DE EDGAR ALLAN POE**

The constitution of the crow in
The Raven by Edgar Allan Poe

Valdemir Miotello¹
Josette Monzani²
Fernando Martins Fiori³
Alline Duarte Rufo⁴

RESUMO: O Corvo, de Edgar Allan Poe, é um dos personagens mais conhecidos da literatura romântica. No ilustre poema *The Raven*, o corvo é valorizado negativamente pelo eu-lírico que se refere a ele como a ave do diabo, porque relembra a perda e intensifica o luto. Acreditamos que estes sentidos não surgiram do nada, pois é com a socialização e a hibridização das culturas que os signos se constituem. Assim, entendendo o corvo como um signo, à luz dos ensinamentos de Mikhail Bakhtin, observamos a constituição dele na obra de Poe, na qual vemos um reflexo e refração de mitos e representações de culturas pretéritas.

PALAVRAS-CHAVE: *The Raven*; Edgar Allan Poe; Mikhail Bakhtin.

ABSTRACT: The Raven, by Edgar Allan Poe, is one of the most known characters from the romantic literature. On the illustrious poem “The Raven”, the raven is valued negatively by the poetic persona, which refers to it as a devil’s bird, because it reminds the loss and intensifies the grief. We believe that these meanings do not come from nowhere, for it is through socialization and hybridization of cultures that the signs constitute themselves. Thus, understanding the raven as a sign, in the light of the teachings of Mikhail Bakhtin, we observed its constitution on Poe’s work, from which we see a reflection and refraction of myths and representations of previous cultures.

KEYWORDS: *The Raven*; Edgar Allan Poe; Mikhail Bakhtin

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No conjunto de convenções de uma dada cultura, os animais sempre estiveram atrelados a uma simbologia a partir do momento em que o

¹ Professor Doutor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Professora Doutora da Universidade de São Carlos (UFSCar).

³ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

⁴ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

homem foi capaz de articular a linguagem e criar conceitos. Com isso, desde os tempos remotos, os animais foram representados diante da relação estreita com o homem, tanto de reciprocidade quanto de conflito, como bem explica Hugo Schlesinger e Humberto Porto, em *Crenças, seitas e símbolos religiosos*:

O homem primitivo, por estar em contato mais íntimo com os animais, começou a admirá-los pela destreza, agilidade, força e segurança de instinto, e a formar elevado conceito a respeito deles. Esse sentimento de admiração, aos poucos, passou ao de veneração, repassada de confiança e temor para com esses seres que lhe proporcionavam benefícios e danos. Daí surgir um sentimento de inferioridade e dependência religiosa, por esses animais fabulosos, dotados de propriedades sobrenaturais e de força extraordinária e divina. (1983, p. 35).

Um dos animais digno de atenção é o fato de ter gerado demasiado fascínio é o corvo que, desde o período Paleolítico, é representado em pinturas rupestres, como nas de Lascaux, França. Adiante, observaremos como a sua valoração oscilará entre admiração, desconfiança e temor diante do contexto sociopolítico de determinadas culturas, como a ameríndia, viking, celta e medieval cristã.

Devemos levar em conta como tais simbologias estão amplificadas até hoje por meio de textos midiáticos que, de alguma forma, ecoam os mitos e representações pretéritas de uma reclusa comunidade. Além do mais, com a globalização e os meios de comunicação de massa, essas tradições remotas, até então, são revistas em narrativas ficcionais por meio da literatura, cinema, televisão e jogos virtuais. Em plena “era da informação”, uma profusão de conhecimento é patente e, à medida que certos conteúdos são convencionados por uma dada cultura, tornam-se parte de seu imaginário coletivo. Por isso, neste trabalho, primeiramente, nos debruçaremos sobre a apresentação dos mitos que, ao representarem o corvo, possam ter contribuído na representação do Corvo de Edgar Allan Poe, foco desse trabalho como um todo.

O GÊNERO *CORVUS*

Devido à presença do corvo em diversas partes do mundo, vários povos ocidentais e orientais o representaram em sua cultura; com isso, seria uma tarefa árdua rastreamos criteriosamente todos os mitos que o envolvem. Desse modo, priorizaremos aqueles que podem nos ajudar a entender a construção simbólica do corvo representado, especificamente, no poema *The*

Raven. Antes de tudo, apresentaremos algumas características do corvo a fim de entendermos com mais profundidade, posteriormente, simbologias que estarão relacionadas com suas peculiaridades tanto físicas quanto comportamentais. Para isso, recorremos aos estudos do renomado pesquisador John Marzluff, autor de *In the Company of Crows and Ravens*, livro que nos explica muito sobre essa imponente ave.

Os corvos pertencem à grande família dos Corvídeos (*Corvidae*), que também inclui gaios e gralhas, apresentando uma taxionomia ampla com cerca de quarenta e seis espécies. As aves do gênero *Corvus* são comumente conhecidas por sua inteligência, plumagem negra, capacidade de imitar sons diversos - inclusive pronunciar palavras — e serem monogâmicos. Entretanto, há ainda diferentes espécies de corvos, cada uma com tamanho, formato — bico, asas e cauda -, hábitos e vocalizações específicas; e são essas características distintas que possibilitam encontrá-los em *habitats* variados.

Dessas espécies, talvez as mais conhecidas sejam o *Corvus corax* - conhecido na terminologia não científica como *raven* —, que muitas vezes associamos com o *Corvus brachyrhyncho* — apelidado de corvo americano. Diferentemente deste, o *raven* é estritamente necrófago⁵, de maior porte e mais arredo com os humanos, preferindo viver em paisagens selvagens, pois não se adaptaram tão bem com a nossa presença. Já o corvo americano é bem próximo dos ambientes urbanos, tendo uma alimentação onívora⁶ e se beneficiando até mesmo dos restos alimentares deixados pelos humanos. Segundo Cláudio Weber Abramo, sobre as raízes terminológicas do gênero *Corvus*:

C. *Corax* tem um repertório vocal variado, mas sempre rascante, sem melodia, como acontece com todos os corvos. O mais frequente é algo como *cróo* (daí, claramente, o nome *crow*, que vem do baixo alemão). A palavra inglesa *raven* decorre, através do alemão *Rabe*, do antigo islândes, *hrafn*, que evoca a mesma onomatopeia. A origem etimológica do português “corvo” é o latim *corvus*, que, se pronunciada guturalmente, chega perto. (ABRAMO, 2011, p. 57)⁷.

⁵ [Do gr. *nekrophágos*.] *Adj. S. m.* Diz-se de, ou animal que se alimenta de cadáveres. (FERREIRA, 2004, p. 1391).

⁶ [Do lat. *omnivoru*.] *Adj. Ecol.1.* Que se alimenta de carne e de vegetal; polívoro. **2.Fig.** Que tudo absorve, devora. (FERREIRA, 2004, p. 1440).

⁷ Apesar da contribuição do autor, sentimos falta da referência donde esta informação foi extraída.

Os dicionários de símbolos listados em nossa bibliografia⁸ trazem, de forma breve, o significado do corvo para algumas culturas que não estudaremos, mas, mesmo assim, vale a pena ressaltarmos, de passagem, que, por exemplo: para os japoneses o corvo é o símbolo da família; para os chineses é considerado o deus-sol de três pernas; algumas tribos africanas consideram-no como espírito protetor; e entre os índios do Pacífico é figura divina central criadora do mundo.

OS MITOS AMERÍNDIOS SEGUNDO LÉVI-STRAUSS

Não é raro encontrarmos a figura de animais com uma forte carga simbólica nas narrativas dos povos ameríndios, e com o corvo não seria diferente. Principalmente, nos reconhecidos estudos de Lévi-Strauss sobre mitos e culturas de tribos indígenas das Américas, presentes no livro *O pensamento selvagem* (2008), o autor descreve duas situações sobre o corvo:

Os índios do sudoeste dos Estados Unidos, que vivem da agricultura, consideram o corvo, sobretudo como um saqueador de hortas, ao passo que os índios da Costa Noroeste do Pacífico, exclusivamente caçadores e pescadores, veem a mesma ave como um comedor de carniça e de excrementos, portanto. A carga semântica de *Corvus* é diferente nos dois casos, vegetal ou animal; e de rivalidade com o homem, na similaridade, ou de antagonismo, numa conduta inversa. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 72).

Nas duas considerações do antropólogo, nota-se uma relação de confronto entre corvo e homem, sendo que no segundo caso ela é mais expressiva, pois essa relação pode ser encarada não apenas como rivalidade, mas também como repulsa que a ave gera ao homem diante dos seus hábitos alimentares.

Em *A estrutura dos mitos* (1967), o antropólogo propõe que o pensamento mítico sempre funciona a partir de oposições nas quais aparecem duas condições fundamentais: os animais herbívoros, relacionados com a agricultura e a vida, *versus* os predadores, relacionados à caça e morte. Consequentemente, a partir dessa polaridade nasce uma condição intermediária na qual surgem os animais necrófagos - como o corvo - que se

⁸São eles, especificamente, *Dicionário ilustrados de símbolos* (1993), *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (1998) e *Crenças, seitas e símbolos religiosos* (1983).

aproximam dos predadores, porque se alimentam da carne de outros animais, porém, pelo fato de não caçarem, os necrófagos se aproximam, também, dos animais herbívoros. Essa relação proposta pelo antropólogo nos ajuda a avançarmos em nossas inferências: os animais necrófagos se relacionam com a morte, porque dependem dela para a sua própria sobrevivência, ou seja, sua alimentação. Por outro lado, contribuem com o ciclo da vida, já que ao ingerirem matéria orgânica, produzem húmus, que traz fertilidade para a terra.

O CORVO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Quando pretendemos estudar a cultura ocidental, é primordial que nos enveredemos na mitologia grega. Segundo nossas especulações, talvez, o primeiro registro cultural do embate envolvendo uma ave, que impinge o sofrimento a uma entidade de gênero masculino, seja o mito de Prometeu. Pierre Brunel nos explica que:

[...] o mito de Prometeu, inseparável da questão da origem do fogo, deve situar-se dentre aqueles mais antigos e universais, pois encontramos seus equivalentes na mitologia indiana, germânica, céltica, eslava etc. (BRUNEL, 1997, p.784).

O titã é considerado o benfeitor do homem, o qual criou por meio do barro, mas diante de seu enfrentamento a Zeus, foi acorrentado e punido. No decorrer do século VIII, o mito, até então propagado oralmente, aparece, primeiramente, através dos poemas de Hesíodo, na *Teogonia* e nos *Trabalhos e Dias*:

Conta ele que Prometeu, filho de Jápeto e de Clímene, um dia ludibriou Zeus, ao pretender lhe destinar, em um sacrifício, um montão de ossos cobertos de gordura, reservando, por outro lado, para os mortais a melhor parte da vítima. Como castigo deste dolo, Zeus privou os homens do fogo que, mais tarde, Prometeu conseguiu roubar, servindo-se de novo ardil. Então, Zeus, irritado, acorrentou o Titã, condenando-o, além disso, a suportar o flagelo de uma águia que lhe devorava o fígado continuamente renovado, consentindo, mais tarde, que seu filho Hércules o abatesse. Aos mortais deu como castigo a primeira mulher — Pandora. (SOTTOMAYOR, 2009, p. 17-18).

Outra versão do mito encontra-se na tragédia *Prometeu Acorrentado*, concebida por Ésquilo, que fazia parte da trilogia de obras sobre o titã. No entanto, desconhece-se, especificamente, a data de sua representação, pois alguns autores divergem nas aproximações, que giram em torno de 467 e 459 a.C. Nem mesmo se sabe, exatamente, a ordem em que eram apresentadas, decorrente dos poucos fragmentos do material que remanesce.

Um mito grego também relevante para nós, e que envolve um corvo, é encontrado na famosa obra do poeta Ovídio, *Metamorfoses*, constituída por 15 livros que incluem 250 narrativas em doze mil versos latinos e que remontam ao século VIII d.C. Os temas dessa obra abordam o desenvolvimento do mundo, do homem e dos deuses, revelando suas paixões e imperfeições.

A história relativa à intriga que ocasionou a mudança na cor da plumagem do corvo está presente no segundo livro de *Metamorfoses*. Originalmente branco, o corvo havia visto a amante de Apolo, Coronis, traindo o deus com um belo jovem; mais que depressa, a ave correu para informar seu amo. A gralha que o acompanhava, advertiu-o que ficasse calado, pois a mesma um dia fora branca e, ao noticiar péssimas notícias a Atenas, fora tingida de preto pela deusa. Sem hesitar, o corvo comunicou a seu amo sobre a traição, e este, furioso, derrubou sua ira contra Coronis, matando-a com uma flechada no peito. Agonizando, a amante informa ao deus que estava grávida e junto dela o filho de Apolo irá perecer também. Apolo, arrependido, deseja sua amante de volta, porém não tem o poder para tal feito. Enquanto a fogueira é preparada para a cremação da jovem:

Apolo soluça e geme — nenhum deus consegue chorar — e seu
lamento]

Era piedoso, quase como o lamento tristonho
De uma fêmea animal, quando sua cria
Cai ante a machadada do açougueiro.
Sobre seu seio, agora inerte, Apolo
Coloca incenso, e dá-lhe um último abraço. Fez tudo
O que tinha de ser feito, e nada lhe pareceu suficiente.
Uma coisa não conseguia suportar, saber que seu próprio filho
Ia morrer naquela pira, sem ter nascido; e então ele o arranca
Do ventre da mãe, e leva o bebê
Para a caverna do Centauro, aos cuidados de Chiron
E para o corvo, sentado ali, e à espera
De alguma recompensa por ter vindo fazer intriga,
O que sobrou foi o castigo divino
Que o mantém afastado de todos os pássaros brancos, para
sempre].

(OVÍDIO, 2003, p. 45).

Portanto, já no século VIII d.C., a dualidade cromática é evidenciada com o branco em oposição ao preto. Como narrado, a inversão das cores do corvo está atrelada a uma sentença, ou seja, a plumagem negra veio como punição pela intriga que o corvo fizera e que culminou em uma tragédia: “Ele falava demais e essa era a sua ruína” (OVÍDIO, 2003, p.42). A cor preta passa, então, a ser uma característica pejorativa da qual a ave deveria se envergonhar. Porém, mais do que isso, na leitura que pretendemos para o mito, a mácula negra do corvo já pode ser vista, desde essa época, como um índice de infortúnio, de fatalidade e morte. O negro não é consequência da ação do corvo de ‘focar’, mas da notícia lastimável da traição que ele notifica: daí sua simbologia também atrelada com os maus presságios. A causa do seu tingimento é resultado da ira e melancolia de Apolo que matou Coronis e, depois, se arrependeu. Veremos, adiante, ecos destes elementos na poesia de Edgar Allan Poe.

O CORVO NA MITOLOGIA ESCANDINAVA

O corvo também aparece muito frequentemente na mitologia escandinava que corresponde aos povos pré-cristãos mais conhecidos como vikings, os quais povoaram a Escandinávia (região que compreende a Noruega, Suécia e Dinamarca) e a Islândia. Tornaram-se conhecidos pelas viagens marítimas e pelo expansionismo na Europa, sendo barrados após o domínio cristão, durante a Idade Média. Seu grande legado cultural foi sua religião politeísta e narrativas míticas que se alastraram para outras regiões, como as germânicas e saxônicas. Além disso, seus costumes chegaram a fundir-se com festividades e simbologias monoteístas, presentes até hoje na cultura ocidental.

No *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos* (2015), mencionam-se as relações do corvo com rituais xamânicos, atos proféticos e viagens a outros mundos. Outros relatos dizem respeito às representações do corvo nas bandeiras levadas por tropas, durante a Alta Idade Média. Porém, são os dois corvos que acompanham Odin (deus supremo, criador do universo e do homem) os mais conhecidos nessa mitologia:

Dois corvos sentam-se em seus ombros [de Odin] e dizem em seu ouvido tudo o que veem ou ouvem. Seus nomes são Hugin e Munin. Ele os envia ao amanhecer para sobrevoar todo o mundo e retornam na hora do almoço. Com isso, ele fica ciente de muitos eventos e, por isso, ele é chamado de Deus Corvo.

(STURLUSON apud LINDOW, 2001, p. 187-188, tradução nossa)⁹.

Enquanto o deus permanecia em *Asgard* (recinto dos deuses), os dois corvos Hugin (pensamento) e Munin (memória) vigiavam o mundo dos homens, *Midgard*. Desde a época das migrações até o século XIX, Odin aparece representado com seus animais: dois corvos e dois lobos. O historiador medieval islandês Snorri Sturluson cita os corvos na segunda parte dos *Edda* em prosa (após o prólogo), conhecida como *Gylfaginning* (“As alucinações de Gylfi”).

O CORVO NA MITOLOGIA CÉLTICA

Os celtas podem ser considerados um dos povos mais antigos que se situaram na Europa, divididos em vários grupos e dominando a região oeste e central, no primeiro milênio a.C. Ficaram mais conhecidos devido às histórias de fadas e magia provenientes de suas tradições que inspiraram as fábulas dos Irmãos Grimm e, até hoje, vemos seus reflexos em filmes e romances contemporâneos. Dentre as culturas europeias, é na Celta que a figura do corvo aparece em vários mitos nos quais ele tem um papel profético. Desde as histórias do Rei Arthur e outros reis, o folclore que envolve o corvo é preservado, na Europa, até hoje. Por exemplo, atribui-se a sustentabilidade da Torre de Londres aos seis corvos que lá permanecem, desde o reinado de Charles II, no século XVII. Para que investiguemos a forte associação do corvo com a morte, recorreremos ao trio de deusas celtas conhecidas como Mórrígn:

Este era o nome coletivo para as deusas da guerra irlandesas Badb, Macha e Mórrígn. Todas as três eram associadas com a guerra. Badb e Mórrígn frequentemente visitavam os campos de batalha, às vezes tomando a forma de um corvo, incitando os guerreiros a um frenesi assassino. A deusa da batalha Nemain, que às vezes é parte do Mórrígn, também tomava a forma de um corvo e causava transtornos em batalhas. Ela tornava os guerreiros tão frenéticos que às vezes [eles]

⁹*Two ravens sit on his [Odin's] shoulders and say into his ear everything they see or hear. Their names are Hugin and Munin. He dispatches them at daybreak to fly over all the world and they return at breakfast time. From this he becomes wise about many events, and thus he is called the Raven-god.* (STURLUSON apud LINDOW, 2001, p. 187-188).

erroneamente matavam seus amigos ao invés dos inimigos. (MATSON; ROBERTS, 2010, p. 9, tradução nossa).¹⁰

Elas incitavam a carnificina entre os guerreiros e decidiam quais dentre os inimigos deveriam morrer. A associação do corvo com guerra e morte é, possivelmente, sustentada pela característica necrófaga da ave, que aparecia nos finais das batalhas, devorando os cadáveres dos derrotados. Macha é a única deusa do trio que não é representada pelo corvo, mas, sim, por um cavalo, que conduzia os guerreiros para o campo de batalha.

O CORVO NO IDEÁRIO CRISTÃO

Na Europa medieval cristã, o corvo perderá sua valorização honrosa se a compararmos com as culturas setentrionais já citadas — viking e celta —, entre outras culturas orientais. Ele será depreciado assim como qualquer deus ou manifestação pertinente às tribos pagãs, ou seja, que não fossem cristãs. Desde os primórdios bíblicos, o corvo é citado no mito de Noé como o primeiro animal a sair da arca após o dilúvio. Mas, talvez, seja na história de Santo Expedito que o seu rebaixamento diante da associação com o mal tenha se tornado mais conhecido. Ainda assim, encontramos algumas menções positivas da ave negra nas histórias de alguns mártires e santos católicos:

Na arte cristã, o corvo por vezes simboliza a Providência divina. Um corvo alimentou o profeta Elias e Santo Osvaldo tem na mão um corvo de cujo bico pende um anel; São Benedito tem um corvo a seus pés e São Paulo, o Eremita, costuma ser representado ao receber uma cõdea de pão de um corvo. (ABRAMO, 2011, p. 58).

Os fatos sobre a vida de Santo Expedito são poucos, e os registros que constituíram esse mito advêm de citações históricas esparsas. A origem do nome incomum vincula-se às categorias dos soldados romanos, divididos entre *expeditus* e *impeditus*, e, segundo Marie-Expédit: “Presume-se que a

¹⁰*This was the collective name for the Irish war goddesses Badb, Macha, and Mórrígan. All three were associated with war. Badb and Mórrígan often visited battlefields, sometimes taking form of a crow, to whip warriors into a murderous frenzy. The battle goddess Nemain, who is sometimes part of the Mórrígan, also took the form of a crow and caused trouble in battle. She made warriors so frenzied that they sometimes mistakenly killed their friends instead of their foes.* (MATSON; ROBERTS, 2010, p. 9).

tropa comandada por Santo Expedito era um corpo de *expediti*, de onde seu nome teria surgido por antonomásia”. (1998, p.8). Ele teria vivido no final do século III, durante a resistência romana às invasões bárbaras. Além das investidas externas, foi uma época conhecida como a “era dos mártires”, devido às perseguições aos cristãos que ameaçavam a religião politeísta dominante.

Santo Expedito era o comandante da XII Legião Romana composta por cerca de 7.000 homens imbuídos em defender a fronteira oriental. Concentravam-se na cidade de Melitene, localizada na província romana da Armênia, e sua legião era chamada de *Fulminante*, cujo nome provinha de uma façanha militar milagrosa, segundo a fé cristã. Numa dura campanha na Germânia, o exército romano foi surpreendido pelos bárbaros deixando-os acuados; em pleno calor do verão e com pouca água, os soldados estavam morrendo de sede e não tinham força para guerrear. No desespero, recorriam aos ritos dos sacerdotes pagãos que acompanhavam as tropas, fazendo presságios a partir do voo e do canto das aves. No entanto:

Enquanto o resto do exército se dedicava a estéreis invocações, a *Fulminante* saiu a campo, ajoelhou-se na planície e, com um fervor intensificado pela provação, fez elevar ao Deus todo-poderoso a única e verdadeira prece que sobe aos céus... [...] Quando acabaram a oração, os soldados ergueram-se num só impulso e investiram contra os bárbaros. Nesse momento, uma chuva torrencial começou a cair. Os soldados recolheram em seus capacetes e escudos aquela água providencial, saciando-se a longos goles, sem parar de combater. (MARIE-EXPÉDIT, 2014, p. 15).

Essas aves mencionadas poderiam ser corvos, uma vez que, segundo John Marzluff (2005), os romanos da Antiguidade reconheciam no corvo, dentre todos os pássaros cantantes, a ave que mais poderia pressagiar um acontecimento. O que supostamente pode ter ocorrido na sequência foi uma forte tempestade com pedras de granizo e raios que atingiram os inimigos do Império Romano, ajudando no massacre dos bárbaros e na preservação dos cristãos que compunham o exército.

A partir desta história *milagrosa*, notamos a incidência de ritos relacionados às aves considerados pagãos através do olhar tendencioso da religião católica e, por sua vez, essa concepção ecoa na representação de Santo Expedito. Consequentemente, o paganismo, alegorizado através da figura do corvo, veio a compor a iconografia do mártir em sua luta a favor da fé cristã:

Geralmente se retrata Santo Expedito vestido como legionário romano. Na mão direita, ele empunha a palma do martírio e, na esquerda, mostra a cruz, sobre a qual se pode ser a palavra latina *Hodie*, que significa “hoje”. Com o pé ele esmaga um corvo que crocita a palavra *Cras* (“amanhã”). *Hodie*, lema de Santo Expedito, significa que jamais devemos adiar para amanhã o tempo de render a homenagem de amor a Deus (MARIE-EXPÉDIT, 2014, p. 17).

Da mesma forma como a serpente, em alegoria à Lúcifer, desvirtua Eva no Éden, o corvo representa, nesse mito, o espírito do mal tentando dissuadir Santo Expedito da conversão ao cristianismo, decisão que sempre adia. A palavra *CRAS*, escrita na flâmula que sai do bico da ave, além de evocar a onomatopeia do crocito da ave, também representa a procrastinação. “O corvo que ele esmaga com seu coturno vencedor é a obscura imagem do anjo das trevas que não deixa de tentar deter-nos em nossa expansão para Deus” (MARIE-EXPÉDIT, 2014, p. 18). Após isso, Santo Expedito foi batizado e assumiu a fé em Cristo, o que acarretou sua perseguição pelo próprio governo do qual fazia parte sob o comando do imperador Diocleciano. Seu martírio ocorreu na Armênia, em 19 de abril de 303 d.C., na cidade de Melitene, onde sofreu flagelos e, por fim, foi decapitado.

O CORVO DE EDGAR ALLAN POE

Edgar Allan Poe, um dos escritores mais revolucionários do mundo, trouxe à tona o corvo em seu célebre poema, *The Raven*, publicado em 1845, no jornal *Evening Mirror*. Sua importância não é reconhecida por acaso, pois, convencionalmente situado no período romântico, deve-se entender a universalidade de Poe, que abarca outros períodos literários, devido às inovações que proporcionou:

A frente de seu tempo e incompreendido por muitos, naquele momento, Poe traz questões importantes para a literatura norte-americana e antecipa traços das estéticas modernistas e pós-modernista ainda por vir, sem, contudo, abandonar elementos do romantismo que fundamentam seu trabalho ficcional. (FERREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 40).

Poe marcou um grande momento de transição e paradoxo entre um mundo clássico e moderno. Vale ressaltar que se criou um mito sobre ele devido à sua vida desregrada, porém, o autor que se apresenta para nós por

meio de seu trabalho meticulosamente calculado é um Poe regrado com resquícios do homem clássico ainda. A par dos inúmeros contos policiais e góticos que escreveu, é no seu poema incomum que nos focaremos, mais especificamente, nessa ave soturna, muito representativa, já que traz o próprio título à obra.

The Raven narra a história de um rapaz que está em seu escritório, exausto e cercado de livros, quando ouve um barulho que se assemelha a fracas batidas na porta por volta da meia-noite. Depois de um tempo indagando sobre quem poderia ser, decide abrir a porta. Ao fazê-lo, não encontra ninguém e, assim, volta seus pensamentos para sua amada morta, Lenora. Eis que nota uma pancada mais forte na janela. Acreditando que tal barulho seja obra do vento, ele abre a janela e, por ela, vê entrar um corvo que se dirige ao busto de Palas Atena e nele pousa. O rapaz, intrigado com a ave, pergunta-lhe qual o seu nome e obtém como resposta “nunca mais!”; espantando-se com o som proferido pelo corvo, continua a admirá-lo. Ao lembrar-se em voz alta da sua amada, o pássaro mais uma vez responde “nunca mais!”; ao questionar se era um profeta e se, no mundo, haveria algum tipo de alívio, ouve “nunca mais!”; ao perguntar sobre Lenora novamente ouve “nunca mais!”; então, pede ao corvo que se retire e, mais uma vez, ele responde ao jovem: “nunca mais!”. E lá o corvo ficou, imóvel, para sempre observando-o e jogando sobre ele a sua sombra.

Além de vários atributos formais em *The Raven*, estudados e reconhecidos em âmbito acadêmico - como as rimas, aliterações, refrão, a extensão de dezoito estrofes e cento e oito versos matematicamente calculados, ou seja, todo o requinte da construção de seu discurso - tem-se, também, a complexa constituição da figura do corvo nessa obra. No seu ensaio *A Filosofia da Composição* (1846), Poe descreve o seu *modus operandi* para a criação de *The Raven* e explica que a escolha do corvo não foi aleatória. Era pretendido um ser que evocasse um tom lúgubre e, depois do que estudamos sobre a constituição simbólica da ave no imaginário coletivo ocidental, não é de se espantar a sua escolha:

Daí, pois, ergueu-se imediatamente a ideia de uma criatura não racional, capaz de falar, e muito naturalmente foi sugerida, de início, a de um papagaio, que logo foi substituída pela de um Corvo, como igualmente capaz de falar e infinitamente mais em relação com o tom pretendido. (POE, 1987, p. 115).

Apesar do estranhamento com relação ao corvo repetir constantemente *nevermore*, tal peculiaridade não o torna um ser fantástico, já que uma das habilidades da espécie passeriforme é a de aprender a proferir alguns sons e até mesmo palavras inteiras. Isto gera a hipótese do eu-lírico,

de que um antigo dono teria ensinado à ave tal expressão melancólica, possivelmente, diante de algum infortúnio de sua vida, como é expresso na 11ª estrofe:

*Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore —
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
Of ‘Never—nevermore’.”*¹¹(POE, 1998, p. 29).

Mais do que um personagem em uma relação intersubjetiva de comunicação com o eu-lírico, depreendemos que o corvo se trata, nessa obra, da alegoria da morte, que vai se potencializando cada vez que profetiza o seu *nevermore*. Ele é austero com o enlutado, confrontando-o diante da impossibilidade do reencontro com a amada e afirmando a inevitabilidade das fatalidades da vida.

Acreditamos que esses sentidos não surgiram do nada, pois é com a socialização e a hibridização das culturas que os signos se constituem. Um signo ideológico se constitui na relação entre dois sujeitos falantes, pois, segundo Ponzio: “Tudo o que faz parte da realidade material pode tornar-se signo, e adquire tal valor somente na dimensão histórico-social”. (2013, p. 175). Ou seja, o corvo só adquire valor e significação aos seus leitores porque é um signo ideológico, pois entendemos, a partir da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que um signo, por ser um fenômeno da realidade objetiva do mundo, é então ideológico. Segundo Bakhtin:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signo não existe ideologia*. (BAKHTIN, 2010b, p. 31).

Um produto qualquer que seja, que faz parte de uma realidade e

¹¹A alma súbito movida por frase tão bem cabida, / “Por certo”, disse eu, “são estas suas vozes usuais. / Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono / Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais. / E o bordão de desesp’rança de seu canto cheio de ais / Era este “Nunca mais”. (POE, 1998, p. 69, Tradução de Fernando Pessoa).

que reflete e refrata outra realidade, é um produtor ideológico. Porque ele existe em uma realidade, além de refletir significados, ele reflete, ou seja, gera novos significados, portanto, um produto [um objeto estético, no nosso caso] é um signo. E “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN, 2010b, p.32). O corvo, enquanto signo ideológico, além de estar sujeito a uma avaliação ideológica, está carregado com uma significação histórico-social entre dois sujeitos que possuem suas ideologias e estão socialmente organizados. Pretendemos olhar para *O Corvo*, de Poe, entendendo-o como um signo, no qual vemos reflexos e refrações de mitos e representações de culturas pretéritas.

Como vimos, desde a Idade Média aos dias de hoje, a associação do corvo com o mau agouro e o luto faz-se presente no imaginário ocidental, influenciado pelas religiões cristãs e clássicas.

De forma semelhante, voltando-se para a mitologia grega, mais especificamente o mito de Prometeu, *The Raven* retrata um confronto entre uma entidade masculina e uma ave, esta última trazendo a tortura ao lembrar o rapaz sobre a sua perda. No mito grego existe o sofrimento físico pela dilaceração do fígado do titã enquanto, no poema, tem-se o sofrimento psicológico causado pela presença do corvo, que intensifica o pesar do eu-lírico.

Então, um abutre insaciável - o cão alado de Júpiter -, virá arrancar de teu corpo enormes pedaços e - comensal não desejado -, voltará todos os dias para se nutrir de seu fígado negro e sangrento”. (ÊSQUILO, 2009, p. 54).

Apesar da peça de Êsquilo nessa tradução apontar uma ave necrófaga que, portanto, reforçaria a relação com o corvo, as demais referências de trabalhos traduzidos para o português, descrevem uma águia.

Outro ponto que vai ao encontro do nosso cotejo entre Prometeu e *The Raven* está presente no *Dicionário de mitos literários*, no qual são explicitadas diversas interpretações mitológicas realizadas através dos séculos por teóricos da literatura e filosofia. Sobre o mito de Prometeu, Pierre Brunel diz que:

Depois do Romantismo, Prometeu tornou-se, para a cultura ocidental, o símbolo por excelência da revolta na ordem metafísica e religiosa, como se encarnasse a recusa do absurdo da condição humana. Por volta da metade do século XX, as expressões “homem prometeico”, “humanismo prometeico” entraram em moda para sugerir qualquer atitude desafiadora ou

contestatória dos valores tradicionais. (BRUNEL, 1997, p. 784).

Assim como Prometeu interpretado por esta chave, não seria errado admitir que o eu-lírico de *The Raven* também exprime desolação e revolta pela questão máxima que escapa ao nosso conhecimento e poder, ou seja, a imprevisibilidade e inevitabilidade da morte. Vale lembrarmos que, apesar das antecipações estéticas de Poe, ele está inserido no período Romântico, e que, certamente, o espírito dessa época de ebulções impactou suas obras.

Outra questão é o busto de Palas Atenas que, para nós, faz referência direta ao mito presente na *Metamorfoses*, de Ovídio. Desde sua etimologia, o português “corvo”, oriundo do latim *corvus*, remete ao grego *Coronis*. Conforme a narrativa grega exposta inicialmente, a gralha tenta dissuadir o corvo de fazer intrigas. Ela conta-lhe o acontecimento que envolvia a deusa Palas e que, por causa de sua ‘fofoca’, foi punida. De forma similar, o corvo de Poe e o da mitologia grega compartilham da ideologia do mau agouro; ou, melhor dizendo, das trágicas notícias que trazem àqueles com quem mantêm contato. Podemos perceber esse impacto da palavra do corvo ao eu-lírico em *The Raven*, nos dois primeiros versos da décima primeira estrofe, evidenciada há pouco, após o corvo pronunciar o seu *nevermore*.

O diabolismo também é associado à ave, como percebemos, repetidamente, nos primeiros versos da décima quinta e décima sexta estrofes: “‘Prophet!’, said I, ‘thing of evil!’ — prophet still, if bird or devil!”.¹² (POE, 1998, p. 30). Essa qualificação demoníaca também é evocada no terceiro verso da décima oitava estrofe: “And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming.”.¹³ (POE, 1998, p. 31). A oscilação do eu-lírico entre a condição inofensiva da ave e a presença do diabo reflete, ainda, traços do mito de Santo Expedito, que combateu o mal alegorizado pelo corvo. Esse movimento dual só é possível porque não há uma valorização acabada sobre a ave, mas ela se constitui na relação com os personagens, heróis, nas narrativas de que faz parte, e com os outros sujeitos que fazem parte do seu horizonte social, tanto na forma verbal, o seu discurso, quanto nos signos não verbais, sua corporeidade — sua cor —, por exemplo. Há então o deslocamento de uma identidade, unitária, para uma alteridade, a construção do eu na relação com o outro:

¹² “Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta! —” (POE, 1998, p. 70, Tradução de Fernando Pessoa).

¹³ “Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,” (POE, 1998, p. 71, Tradução de Fernando Pessoa).

De fato um mesmo objeto — igual do ponto de vista do conteúdo-sentido — considerado de diversos pontos de um mesmo espaço por pessoas diferentes, ocupa posições diferentes e é diversamente dado no conjunto arquitetônico concreto do campo visual destas pessoas que o observam; a sua identidade de sentido entra como tal na composição da visão concreta como um de seus momentos, revestindo-se de traços concretos individualizados. (BAKHTIN, 2010a, p. 126).

Assim, o corvo pode ser visto de forma positiva ou negativa dependendo de quem o olha, porém essa não é uma avaliação subjetiva, mas uma valoração que se dá a partir da singularidade do *que* se olha e de *quem* olha em uma determinada realidade sócio histórica e cultural. Seguindo ainda Bakhtin, “a avaliação de uma mesma pessoa, [...] pode ter diferentes entonações reais de acordo com o centro real concreto de valores em determinadas circunstâncias” (2010a, p.126), assim, também avaliar uma pessoa depende da situação em que ela se encontra e dos valores daquela circunstância.

Esses foram alguns breves apontamentos diante de outras possibilidades de interpretação do corvo vinculadas a essa obra. Portanto, em *The Raven*, percebemos que Poe sintetiza estas leituras mitológicas e acrescenta um novo olhar próprio de seu estilo e técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rastreamos aqueles mitos que nos ajudaram a entender a construção simbólica do corvo no imaginário coletivo europeu, marcada sobretudo pela ambiguidade. Entre eles, o mito ameríndio, segundo Lévi-Strauss; os mitos gregos de Prometeu e de Apolo e Coronis; o mito dos povos celtas e escandinavos e, por fim, o mito cristão de Santo Expedito. Percebemos que o aspecto positivo e divino da ave negra está atrelado às crenças pré-cristãs da Europa setentrional (celtas e escandinavos) e nativo-americanas. Por outro lado, atribui-se ao corvo o aspecto negativo já na antiguidade clássica e, posteriormente, com a dominação dos povos pagãos e início da consolidação do Cristianismo, na Europa. Portanto, a sua simbologia como a conhecemos hoje é resultado de assimilações, deformações e refrações destas representações entre culturas dominantes e dominadas no decorrer da história.

Sendo assim, um mesmo objeto, ou pessoa, ocupa diferentes posições, dependendo do ponto de vista, mas não se trata de uma relação

lógica, — homem, logo bom — pois a valoração se dá em uma determinada situação que se define em uma relação. Para que haja determinadas valorações sobre o corvo, é necessário um ponto de vista exterior que não seja aquele do eu, mas sim do outro. Existem dois centros de valores, um eu que cresceu e viveu de uma forma, e o outro que cresceu e viveu de outra. Mesmo que um objeto idêntico seja colocado na frente de ambos, ele terá aspectos avaliativos diversos na relação com um ou com o outro. Dessa maneira, o corvo, enquanto signo, tem valorações nas narrativas de que faz parte por estar em relação com um *outro* que o significa. Os apontamentos elucidados nesse artigo apresentam algumas perspectivas sobre a significação do corvo em alguns mitos e possíveis relações entre eles, sendo assim, um alargamento do pensamento a respeito da constituição da figura do corvo no poema de Edgar Allan Poe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Claudio Weber. *O Corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Hedra, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010a.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BIEDERMANN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Trad. J. B. Mello e Souza. São Paulo: Martin Claret, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Carla; RODRIGUES, Raquel T. Nas fronteiras entre razão e desrazão: Uma leitura de “O Gato Preto” de Edgar Allan Poe. In: *Revista Criação e Crítica*. São Paulo. nº 13, ano 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/83833>

FRANCHINI, Ademilson S.; SEGANFREDO, Carmen. *As melhores histórias da mitologia nórdica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.

GRAY, Richard. *A History of American Literature*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

LANGER, Johnni. (Org.) *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. New York: Oxford University Press, 2001.

MARIE-EXPÉDIT, Frei. *Santo Expedito*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARZLUFF, John M.; ANGELL, Tony. *In The Company of Crows and Ravens*. Michigan: BW&A Book, 2005.

MATSON, Gienna; ROBERTS, Jeremy. *Celtic mythology, A to Z*. New York: Chelsea House, 2010.

MONAGHAN, Patricia. *The encyclopedia of Celtic mythology and folklore*. New York: Facts on Fire, Inc, 2004.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. Trad. Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1959.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Vera Lucia Leitão Magyar. Madras: São Paulo, 2003.

POE, Edgar Allan. A Filosofia da Composição. In: *Poemas e ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. The Raven. In: "*O Corvo*" e suas traduções. Org: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 1998.

PONZIO, Augusto. *No Círculo com Mikhail Bakhtin*. Trad. Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

SCHLESINGER, Hugo; Porto, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela. Os dilemas da condição humana. In: ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Trad. J. B. Mello e Souza. São Paulo: Martin Claret, 2009.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2017

Data de aprovação: 30 de maio de 2018